

EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# M MASSAS

ÓRGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO VI - Nº 86 - 1ª QUINZENA DE MAIO DE 1995 - SOLIDÁRIO: R\$ 1,00 - NORMAL: R\$ 0,50

**Resistência das massas bolivianas ao neoliberalismo leva governo à repressão totalitária. Exijamos:**

**Pelo fim do Estado de Sítio na Bolívia!  
Libertação de todos os presos políticos!  
Abaixo as três leis malditas (neoliberais)!  
Fora o governo totalitário de Goni!**

## **Chamamento internacionalista da TPOR**

Operários, camponeses, demais trabalhadores, estudantes, sindicatos e correntes políticas, defendamos a Revolução Boliviana. Formemos os comitês de apoio aos presos políticos. Denunciemos o Estado de Sítio e a repressão militar-policial sobre as massas e os dirigentes do movimento. Convoquemos reuniões e manifestações pelo fim das prisões e pela derrubada do governo pró-imperialista. A causa da Bolívia é a causa dos oprimidos do mundo todo.

Em nosso país, também estamos obrigados a lutar com todas as armas possíveis contra o esmagamento imperialista e a política entreguista da burguesia brasileira.

Estamos obrigados a levantar um plano de reivindicações de defesa da vida das massas, a começar pelo salário mínimo de 850 reais, reposição de todas as perdas com os planos patronais, redução da jornada de trabalho para 6 horas para enfrentar o desemprego, terra aos camponeses e saúde e educação pública a todos.

Estamos obrigados a dizer não à reforma constitucional antinacional e antipopular do governo, que entrega às multinacionais o petróleo, mineração, telecomunicações etc, que acaba com a aposentadoria por tempo de serviço, privatiza a saúde e a educação, etc.

A melhor maneira de defendermos a luta do povo boliviano é unir os trabalhadores brasileiros nas ruas, nas greves, no campo, nas escolas e em todo lugar contra o Plano de fome e miséria de Fernando Henrique Cardoso. Já é hora de organizarmos um grande movimento nacional que desemboque na greve geral e constituição de uma Frente Revolucionária Antiimperialista.

**Viva a Bolívia Revolucionária!**

**Abaixo os Planos de fome e miséria ditados pelo imperialismo!**

**Pela libertação de todos os presos!**

**Pelo fim da perseguição ao Partido Operário Revolucionário boliviano (POR) e seu dirigente Guillermo Lora!**

**Pela suspensão imediata do Estado de Sítio!**

**Abaixo o governo vendido e totalitário de Goni!**

**Abaixo a  
Reforma de Fome  
do governo FHC!**

- **Por um salário mínimo de 800 reais**
- **Emprego para todos (Jornada diária de 6 horas)**
- **Defesa da aposentadoria**
- **Não às privatizações**
- **Terra aos camponeses e aos sem-teto**

**Construir a Frente  
Revolucionária Antiimperialista  
Greve geral contra o Plano !**

**POR** Leia o Jornal  **MASSAS** EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS  
**Tendência pelo Partido Operário Revolucionário**

# Estado de Sítio na Bolívia contra os trabalhadores

Na madrugada do dia 19, o governo de Gonzalo Sánchez de Lozada (Goni) decretou Estado de Sítio contra a greve geral por tempo indeterminado, liderada pela Central Operária Boliviana e marcada pela decisiva presença da Federação dos Professores de La Paz. Em seguida, o exército ocupou os principais pontos do país e prendeu imediatamente cerca de 300 dirigentes sindicais e militantes partidários, entre eles os destacados lutadores trotskistas do Partido Operário Revolucionário (POR). Passou a ser prioridade do governo a prisão do dirigente do POR Guillermo Lora, como revelou o Ministro Carlos Sánchez Berzaín.

O Congresso fantoche homologou, dois

dias depois, o Estado de Sítio, para dar uma aparência democrática ao totalitarismo burguês. A Câmara de Indústria e Comércio e a Confederação de Empresários Privados saíram a campo para pressionar em favor da sustentação da medida totalitária, há tempo exigida pelos capitalistas laicos do imperialismo e sangue-sugas do povo. Por sua vez, cinicamente, o governo norte-americano aguardou a aparência democrática para emitir seu apoio, quando todos sabem que o governo Goni come nas mãos dos norte-americanos e que não faria nada sem a ordem expressa de Bill Clinton, através dos assessores militares que mandam e desmandam no Estado boliviano.

A intervenção militar contra a greve geral, os bloqueios camponeses das estradas, as manifestações populares de rua dirigidas pelos professores, os piquetes e os cabildos abertos (assembléias populares) demonstra a total polarização na Bolívia entre a minoria exploradora e a maioria ex-

plorada, que já não suporta a pobreza e miséria. O governo Goni e seus asseclas, comprometidos com a fração da burguesia narco-traficante, foi eleito por uma ultraminoria e não conta com apoio de nenhum setor dos explorados. Para governar, está obrigado a se apoiar inteiramente na violência reacionária (militar-policial) contra as massas e particularmente contra o Partido Operário Revolucionário, por este encarnar a estratégia e a tática da revolução proletária.

A defesa internacional dos presos políticos, do fim das perseguições ao POR, que se tornou seletiva para os gorilas, da suspensão imediata do Estado de Sítio e restabelecimento das liberdades democráticas, do fim da intervenção sobre a COB e sindicatos, da destruição do Plano neoliberal e defesa da derrubada do governo totalitário pró-imperialista são tarefas de primeira ordem. Isto porque o que está em jogo é o futuro da revolução proletária, dirigida por um partido genuinamente marxista.

## As massas lutam contra as “três leis malditas”, a miséria e a erradicação do plantio da coca

Assim como em toda América Latina, o governo boliviano aplica o Plano neoliberal, traçado pelas potências imperialistas, tendo à frente os Estados Unidos. Neste país, se denominou: 1) Lei de capitalização; 2) Lei de Reforma educativa; 3) Lei de participação popular. O POR boliviano logo denominou de “três leis malditas”, que se popularizou.

A “capitalização” foi um nome adotado para disfarçar a entrega das estatais, através da privatização, ao capital financeiro internacional. Como no Brasil, o governo pretendeu e pretende leiloar o petróleo, telecomunicações, minérios etc. Dada a previsível reação das massas, Goni procurou atraí-las com a farsa da sociedade de economia mista e da distribuição de metade das ações aos bolivianos, que formaria um preten-

so fundo de aposentadoria. Esta manobra escondia uma outra armadilha: a chamada “capitalização dos fundos de pensão para a velhice” seria administrada por empresas com licitação internacional, abrindo assim uma via para a privatização da previdência social. Por outro lado, o trabalhador morreria sem nunca ter se utilizado de tal “sociedade” com os capitalistas. Quem não vê que é uma monstruosidade contra as massas famintas e contra o país semicolonial, atrasado e em desintegração?

A “Reforma Educativa” coloca abertamente a privatização das Universidades públicas. Em um país tão pobre, por si só, esta medida mostra o reacionarismo do governo e da decrépita burguesia compradora boliviana. Mas o obscurantismo vai mais longe. A descentralização e municipalização do ensino, previstas na Reforma, objetivam livrar o Estado do encargo do ensino público e colocá-lo nas mãos dos municípios, que mal se mantêm em pé. É também a via da privatização do grau médio e quebra definitiva do sistema público arrasado pelos salários miseráveis dos professores e por todo tipo de carência.

A “Participação Popular” é a invenção mais sem vergonha do governo vendido. Depois de pretender impor

desde o Estado as três leis pró-imperialistas, Goni chama as massas a apoiarem seus algozes e a sua própria desgraça. O mecanismo arquitetado pela participação popular seria constituído de Comitês de Vigilância da aplicação das leis malditas. Estes, por sua vez, seriam formados por delegados individuais escolhidos a dedo pelos prefeitos e vereadores. Assim as massas ficariam presas a uma camarilha de corrompidos pela política burguesa. Uma evidente e descarada manipulação para anular a luta direta dos explorados contra o governo.

As Três Leis expressam a que ponto o governo semicolonial boliviano está submetido ao imperialismo, não importando o tormento da miséria e do atraso vivido pelo povo. Porém, sua atitude antinacional e antipopular é mais grave ainda. Tem aberto as fronteiras para a intervenção militar norte-americana, a pretexto do narcotráfico. A crise na região de Chapare, em que camponeses plantadores de coca se confrontam com as tropas do governo comandadas por militares gringos, indica a intensificação da opressão imperialista na sua forma mais descarada.

Os camponeses têm reagido ao plano de erradicação do tradicional plantio da coca, porque não têm como



viver com outra forma de agricultura. A folha de coca não é sinônimo de cocaína. A droga é produto do capitalismo decadente, que formou uma burguesia narcotraficante, identificada na Bolívia com altos escalões do governo, das Forças Armadas e polícia. O maior mercado consumidor é o capitalismo norte-americano, que se apodrece em todos os aspectos. Não serão os camponeses pobres que pagarão com suas vidas os males do sistema burguês em decomposição. Eis porque o POR tem se colocado ao lado das massas camponesas com a bandeira de "impor a ação direta de massa, o livre cultivo, comercialização e industrialização da coca" e "ex-

pulsar os ianques e as forças repressivas de UMOPAR".

Por detrás da poderosa greve geral por tempo indeterminado também estão as reivindicações mais elementares, que aguçam os instintos de luta e preservação da maioria explorada. O desemprego atinge 30% dos bolivianos e o salário mínimo é de 44 dólares, enquanto que para sobreviver seriam necessários pelo menos 380 dólares, segundo dados obtidos pela imprensa brasileira. Por sua vez, os camponeses, de maioria índia, arrastam o tremendo atraso agrário e a opressão nacional existente. Vivem à mingua em pequenas glebas rudimentares. O POR tem trabalhado in-

cessantemente as reivindicações vitais das massas, como salário mínimo, emprego e terra aos camponeses, sempre ligadas à luta estratégica da revolução e ditadura proletárias.

O Estado de Sítio vem justamente no sentido de evitar que as massas transformem suas reivindicações e a greve geral em insurreição armada pela tomada do poder do Estado. Único caminho para se iniciar as transformações econômicas e históricas em favor da maioria nacional oprimida, dirigida pelo proletariado.

Internacional

## A greve dos professores e a Federação dos Professores de La Paz assumem a linha de frente de combate ao governo

Da reportagem local, o jornalista da Folha de São Paulo, Clóvis Rossi, resume o choque assim:

"Na prática, o sítio decretado pelo governo é resposta ao sítio que o próprio governo vinha sofrendo, em três frentes.

A primeira e mais importante era o movimento sindical, em especial o dos professores, em greve há seis semanas, reivindicando melhores salários.

Na esteira da greve dos professores, a COB montou uma greve de fome e promoveu protestos que, quase todos os dias, terminavam em conflitos com a polícia"

Continuando o artigo, Rossi relata as duas outras frentes de luta das massas: os camponeses produtores da folha de coca e o cabildo aberto do departamento de Tarija, que decidiu não mais acatar a centralização do Estado e do governo.

Para quem está de fora dos acontecimentos cotidianos, o jornalista da imprensa burguesa expôs bem a verdade, destacando o papel de linha de frente dos professores na greve geral e no combate de rua contra o governo.

Antes de decretar o Estado de Sítio, Goni mandou prender as lideranças mais expressivas da Federação do Magistério de La Paz, dos professores rurais e de outras regiões, onde o movimento estava radicalizado. Os

destacados militantes, como Vilma Plata, Gonzalo Soruco e outros, permaneceram detidos. Com tal medida, a repressão procurou quebrar o ímpeto dos professores, que se fundiram com todas as camadas exploradas em luta e constituíram um verdadeiro movimento de massa. As detenções e ameaças não demoveram os bem organizados professores e as massas com eles fundidas. Pelo contrário, o movimento se intensificou, sitiando o governo, na expressão utilizada por Rossi.

Ao lado da repressão, a Igreja havia ocupado um lugar de intermediária entre o Governo e a COB, com o objetivo de reverter o quadro de crescente confronto das classes opostas. A burocracia da COB decretou a greve geral sob poderosa pressão das bases (cabildos abertos, como o de La Paz, decretaram greve geral passando por cima da burocracia) e diante da total intransigência do governo em ceder migalhas.

Logo no início de abril, o Massas do POR boliviano chamava a atenção para a tradicional atitude conciliadora e traidora da burocracia sindical. Como é de costume, assim que a luta de classes tomou forma de luta política contra o Estado, administrado

pela linha pró-imperialista, governo e burocracia se socorreram da Igreja. Porém, as massas estavam dispostas a ir em frente e já haviam alcançado um avançado grau de independência assegurada pela camada politizada e assumida do programa do POR.

A política do proletariado se mostrou profundamente enraizada nas camadas mais empobrecidas, particularmente nos professores. O Estado de Sítio e a prisão massiva, incluindo a própria direção burocrática, resultou do fracasso das negociações de cúpula e aumento diário das lutas. Apesar da intervenção militar e da repressão, a greve continua. O governo ameaça demitir todos os professores que permanecerem em greve.



**ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS**  
**O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO**

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO  
NO NORTE E NORDESTE EScreva PARA  
CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970  
CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN

# Por que reprimir o POR e caçar seu mais influente dirigente Guillermo Lora

Em declaração publicada no Estado de São Paulo (22/4), o Ministro Carlos Sánchez Berzaín diz que Guillermo Lora “é um dos

homens mais procurado hoje em todo país pela polícia boliviana.” “O líder trotskysta, segundo o ministro, transformou-se num dos principais autores intelectuais do processo de subversão desencadeado atualmente no país”.

A subversão a que se refere o Ministro do governo, capanga do imperialismo, é o levante das massas famintas e oprimidas. De fato o trotskysmo, na Bolívia, conseguiu se identificar profundamente com os trabalhadores. Estes, depois das experiências com os nacionalistas da década de 50, isto é, com o próprio Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), que posteriormente adotou posições abertamente pró-imperialistas, alcançaram um alto grau de consciência revolucionária. Justamente quem está no governo e aplica disciplinadamente o remédio amargo prescrito pelo capital internacional é o MNR. Ao contrário, o POR em sua luta diária em torno do programa da revolução e ditadura proletárias permitiu que uma fração avançada do proletariado e demais trabalhadores soldasse sua consciência socialista com as massas empobrecidas.

Os governos capitalistas semicoloniais da Bolívia faz tempo que vêm suvertendo o país em favor da pilhagem internacional. A bur-

guesia compradora e corrupta está aliada ao capital imperialista, a ponto de comprometer totalmente a soberania da nação, historicamente oprimida e saqueada pelos colonizadores. Não é por acaso que Goni é responsável pela aplicação de um plano recessivo, que mergulhou a Bolívia já há 10 anos num processo de desintegração das forças produtivas e bloqueio a qualquer germe de industrialização. Com as três leis malditas e quebra do plantio da coca, o governo completaria sua obra de subversão, submetendo o país ao imperialismo.

A subversão do POR trotskysta é a de defender a soberania da nação oprimida, o estatismo contra as privatizações, o controle operário da produção, o direito à vida dos camponeses, o salário mínimo vital, o direito à autodeterminação das nações índias oprimidas, a educação pública, a autonomia universitária etc. A presença do partido marxista entre as massas comprova que só o proletariado pode organizar a maioria nacional oprimida para subverter a ordem dos escravizadores internos e do imperialismo totalitário.

De posse da estratégia programática da revolução proletária, a tática do POR é de potencializar a capacidade insurrecional das massas contra as forças capitalistas e pró-imperialistas. Diferentemente dos reformistas e burocratas sindicais, que para salvar o capitalismo e seus interesses particulares de casta se empenham nas negociatas e na limitação da capacidade de ação direta das massas.

Um outro aspecto da subversão trotskysta, aludida pelo Ministro, refere-se ao trabalho sério e constante do POR para conseguir a unidade da maioria oprimida sob a direção do proletariado. Isto porque a coesão dos oprimidos é a condição prática para executar a tarefa histórica de destruição do poderio burguês sobre o Estado e os meios de produção. É a condição para o proletariado conquistar o poder do Estado e implantar o governo operário e camponês, que exercerá a ditadura do proletariado contra os exploradores internos e externos.

O POR tem se distinguido pela análise de que a crise boliviana, que na

verdade expressa em sua particularidades a crise mundial, conduziria as massas à insurreição antiimperialista e anticapitalista. E que o partido teria de superar suas debilidades organizativas e de quadros para canalizar as energias revolucionárias. Neste processo crítico e autocrítico, a sua militância vem persistentemente procurando a via da unidade das massas contra o governo e seus agentes representados pela burocracia, reformistas e estalinistas que dominam a COB, Confederações e comitês cívicos.

Os trotskystas bolivianos têm consciência de que as massas caminham para um confronto que colocará a revolução e a contrarrevolução. O que quer dizer se preparar para uma situação insurrecional e para resolver o problema crucial do armamento dos trabalhadores, que se torna de primeira ordem na situação revolucionária. Também neste ponto fundamental é necessário resolver o problema básico de unir os oprimidos em torno do partido, ou seja, do programa da revolução proletária para desestruturar as forças repressivas, trazer para o lado dos trabalhadores os soldados não corrompidos e abrir os arsenais para a população se armar.

A política militar do POR também é clara, exprimindo as conquistas do proletariado internacional. Está aí porque o governo decretou o Estado de Sítio, prendeu os dirigentes de massa do POR e caça Guillermo Lora por todo país. A questão para a burguesia e o imperialismo está em não permitir que as massas bolivianas amadureçam as condições insurrecionais latentes na greve geral, nos bloqueios das estradas, nos cabildos abertos, piquetes unitários e manifestações de rua. Não permitir que o descontentamento existente no exército, manietado pelos Estados Unidos, dê lugar a insubordinações e atitudes revolucionárias favoráveis às massas. Em síntese, não permitir que a política do POR tome conta da situação, em contraposição ao controle repressivo do governo, que é o que lhe resta, e ao controle político do movimento pela burocracia, bastante debilitada como demonstra o fracasso das negociatas.



# Os explorados bolivianos mostram o caminho da luta antiimperialista e anticapitalista na América Latina

A luta generalizada por todo país contra as "três leis malditas", o massacre dos camponeses, a destruição da educação pública e a fome colocaram a maioria oprimida em confronto com a linha pró-imperialista do governo. Trata-se de um movimento de massa claramente antiimperialista, que se transforma em anticapitalista ao permitir que a estratégia do proletariado, encarnada pelo POR, avance o combate pela derrubada do governo reacionário e implantação do governo operário e camponês (ditadura do proletariado).

O que a burguesia mais teme é que o processo revolucionário na pequena e atrasada Bolívia agigante político e socialmente este país perante as massas latino-americanas. Ou seja, que lhes mostre o caminho da ruptura com o imperialismo saqueador e esfo-meador e coloque sua unidade continental para enfrentar a opressão capitalista. O temor burguês se intensifica com o crescimento da política trotskysta entre as massas bolivianas, que mais cedo ou mais tarde influenciará largamente a América Latina, e dela para outras latitudes.

O imperialismo e seus lacaios semicoloniais têm podido sacrificar a vida das massas mundiais a um ponto jamais alcançado na história social devido à crise de direção mundial. Esta se instalou com a vitória de Stálin na ex-União Soviética contra o internacionalismo de Lênin e Trotsky. O nacionalismo burocrático de Stálin levou à colaboração com o imperialismo e à destruição da III Internacional. O burocratismo totalitário estalinista e seu programa nacionalista de socialismo em um só país culminaram, na atualidade, com o processo de restauração capitalista em todos os países de economia estatizada. Vemos que, enquanto na Bolívia o proletariado se bate por rechaçar o imperialismo e

chegar ao poder para transformar os meios de produção, Cuba de Fidel agoniza sem luta, quando ainda as conquistas da revolução não foram totalmente destruídas. Por outro lado, as contradições capitalistas se agudizam nos países semicoloniais com o avanço da desintegração mundial e com o esmagador peso da opressão imperialista. O proletariado, camponeses e classe média urbana arruinada se vêm instintivamente obrigados a sair em luta contra a ofensiva capitalista-imperialista.

Ainda que em ritmo diferente, as massas se dão conta de que existe uma estratégia comum do imperialismo para as semicolônias. Em todos os quadrantes, os governos vendidos aplicam os planos que desnacionalizam a economia, sucateiam as débeis indústrias, pisoteiam os camponeses, subordinam mais ainda os países atrasados ao capital financeiro parasitário e eliminam conquistas sociais como aposentadoria, escola pública etc.

No México, o levante camponês armado expressa a necessidade de radicalização da luta de classe. Este país é o exemplo do entreguismo e da devastação em favor da oligarquia financeira internacional concentrada nas potências imperialistas. Na Argentina, a revolta instintiva das massas em Santiago Del Estero e as inúmeras marchas indicam a necessidade de reagir ao violento Plano Cavallo. No Brasil, a burocracia sindical e o reformista PT fazem de tudo para bloquear a unificação das greves e manifestações que se multiplicam por todo país e tendem a se chocar abertamente contra o Plano Real e a Reforma Constitucional pró-imperialista.

Ressalta nestes países, em que o proletariado se concentra na grande indústria, a ausência do Partido Ope-

rário Revolucionário, necessário para torná-lo classe dirigente da maioria oprimida e potenciá-lo em sua resistência antiimperialista. O que preocupa o imperialismo diante da Bolívia, marcada pela presença do POR, o folga nos demais países latino-americanos. Entretanto, os escravizadores sabem que o proletariado continental assimilará com presteza as lições da Bolívia revolucionária e que por isso não pode permitir seu avanço.

Num país em que a classe operária é muito debilitada pelo bloqueio imperialista à sua industrialização - no passado recente, os mineiros cumpriram o papel mais avançado do proletariado latino-americano - as camadas médias proletarizadas nas suas condições de vida assumem a estratégia da revolução, demonstrando o papel decisivo do POR. É preciso que entendamos a importância estratégica da Bolívia justamente do ponto de vista do avanço programático da revolução. Trata-se de uma tarefa internacionalista defender o processo revolucionário na Bolívia e assimilar profundamente suas experiências, expressas pelo trotskismo, que é o marxismo-leninismo da atualidade.

Internacional



## Obras Completas de Guillermo Lora

Já foram publicados os 4 primeiros volumes, sendo que já temos até o 3º no Brasil.

A obra trata do desenvolvimento do movimento operário boliviano e internacional e da construção do partido revolucionário, desde a década de 40.

Adquira com o distribuidor deste jornal.

## A crise capitalista no Brasil e o fracasso da Frente Popular - Lições das eleições de 1994

Um balanço das eleições no marco do desenvolvimento da crise política e econômica do país.

A crítica ao reformismo e às correntes seguidistas. A defesa do programa revolucionário. A tendência de luta das massas e o crescimento dos votos brancos e nulos.

**Traduzimos alguns materiais de propaganda e agitação do POR boliviano, que nos ajudam a compreender a luta dos trotskistas para organizar o movimento revolucionário antiimperialista e anticapitalista das massas.**

## **Generalizar a outros setores a Greve Geral do magistério**

**Internacional**

Nossa vanguarda (os professores urbanos e rurais) tiveram o acerto de declarar a greve geral por tempo indeterminado como resposta à manobra da burocracia que se lança a conversar e a conversar com o governo esfomeador e vende-pátria. Pretende-se distrair os oprimidos e explorados, a fim de que se cansem e acabem aceitando, não importa que acordo, entre a cúpula da COB e o Governo.

Voltamos a repetir que já não se trata de

falar e falar, mas sim de esmagar a globalidade da política burguesa e ao próprio governo de Goni. Estamos buscando o fim das três leis malditas, a imposição do salário de acordo com a canasta familiar.

Entretanto, a greve geral não deve permanecer setorializada, pois isso significaria debilitá-la como arma de luta adequada neste momento.

A greve iniciada em La Paz deve se generalizar por todo o país. É necessário passar por cima das manobras da Confederação dos Professores e da própria COB.

Uma advertência fundamental: a greve geral para render todos seus frutos possíveis tem de se converter em uma verdadeira greve, tem a missão de paralisar todo o país. Unicamente assim poderemos sepultar o

governo esfomeador e vende-pátria.

Por outro lado, reforçemos que a luta iniciada é política e as soluções aos problemas bolivianos e sociais têm que se dar neste plano.

Por tudo isso, a luta está orientada para derrotar o mal governo e a sua política antinacional e antipopular.

Todos os bolivianos devemos nos levantar para repudiar e derrotar a política entreguista do MNR. Assim poremos em pé a Frente Antiimperialista, que permitirá a política revolucionária do proletariado dirigir a maioria nacional oprimida para a vitória.

Viva a frente antiimperialista!

Viva a aliança-operária e camponesa!

Viva o governo operário e camponês!

### **Resposta do POR aos traidores**

## **Os lacaios da burguesia gritam contra a violência**

Aqueles que até ontem se diziam socialistas e defensores da causa dos oprimidos agora apenas sobrevivem parasitariamente colados à pele dos opressores. Estes sem-vergonhas convertidos em sociais-democratas de direita (ASD), em de-

mocratizantes parlamentares (PCB, ASD), em nacionalistas reformistas (ex-PS1), em legalistas que choram recordando seu passado foquista, etc, agora gritam contra a violência que empregam as massas nas ruas, demonstrando assim que são lacaios dos ricos, dos donos da grande propriedade.

Os renegados estão também empenhados em obter a perpetuação do sistema capitalista.

Nós lutaremos até acabar com o capitalismo, por isso afirmamos nossos métodos de luta, encarnação da violência revolucionária, por esse caminho acabaremos com a burguesia e com seus serventes de "esquerda", com a burocracia sindical reformista e traidora.

(Artigos extraídos do Massas, de 15/3 a 21/3)

## **La Paz ocupada por grevistas**

Professores, camponeses, classe média, artesãos etc se mobilizam desde diferentes municípios e ocuparam La Paz, para libertá-la com luta do mal governo gonista, instrumento dos gringos, do imperialismo.

Os grevistas lutam contra as leis malditas, para salvar a escola de sua destruição, as empresas estatizadas de que caíam nas mãos dos gringos, das multinacionais, das massas camponesas da escravidão, da destruição das organizações independentes, do autogoverno, a coca da erradicação forçada porque assim impõem os gringos.

É necessário libertar o país da opressão imperialista. Isso buscam os grevistas.

O movimento é poderoso como demonstram nas ruas as últimas mobilizações, frente a um governo

cambaleante, incapaz de governar, extremamente débil.

Chegou o momento de acertar as contas com os inimigos do país que usurpam o poder. Para ganhar a batalha da libertação dos bolivianos, para impor a autodeterminação, o livre cultivo, comercialização e industrialização da folha de coca, todos devemos nos somar à greve geral, ao bloqueio das estradas, ao uso da violência revolucionária para neutralizar a violência do oficialismo.

Os trabalhadores, os camponeses, os mestres, os estudantes devem se organizar nas bases, controlar seus dirigentes para que não traiam, armar-se e formar os piquetes de autodefesa, tudo para poder vencer os obstáculos, que o governo se esmerará por levantar.



## Estado de Sítio no horizonte

Os partidos componentes do bloco oficialista deram a entender que se deve aplicar o estado de sítio para se acabar com a agitação social.

A esperança de Ipinha de que a greve acabasse por si mesma não tardou em se esfumar graças ao crescente apoio popular. Tudo nos obriga a supor que a situação política caminha para a repressão violenta, o que pode parecer "legitimado" com a edição do estado de sítio.

Vilma Plata disse que os professores não temem ao cárcere e que con-

tinuam lutando e usando a violência (a sociedade de classe gera por todos os poros a violência) sem nenhum medo das medidas repressivas.

Entretanto, seria absurdo não tomar em conta, a fim de tirar as consequências obrigadas, o perigo do estado de sítio, que é o nome da repressão selvagem.

A resposta não consiste em abandonar o campo de batalha, mas sim ampliá-lo até atingir toda a população, o que terá influência direta sobre os efetivos militares e policiais, para

que assim se dilua, ao generalizar-se a repressão.

É necessário arrastar todos os setores à greve geral para que se anulem de maneira total os efeitos do estado de sítio.

Companheiros, unir-se para combater o governo servente dos gringos.

(Extraído do Massas de 23/3 a 29/3)

## O Trotskismo, Presente!

A natureza do partido do proletariado e a política que desenvolve são consequências do programa, que expressa o objetivo estratégico dessa classe social: a revolução e ditadura proletárias.

A tática do Partido Operário Revolucionário está condicionada pela finalidade estratégica, pois a organização partidária tem a finalidade de materializá-la.

Por tudo isso sustenta que não se poderá conquistar o poder pela via parlamentar, submetendo-se ao legalismo ou acreditando que com a ajuda da cédula eleitoral se poderá pôr em pé a sociedade sem classes. A experiência e a teoria nos ensinam que unicamente pela ação direta de massa, cuja expressão mais elevada é a insurreição, poderão os explorados e oprimidos se tornarem governo.

Sabemos que o programa, a teoria revolucionária, para se converter em força material, capaz de penetrar na sociedade, tem de penetrar nas massas e estas se apoderarem daquelas. O trabalho partidário se realiza buscando materializar esse objetivo. Tal é o caminho da revolução. O POR é a expressão da consciência de classe do proletariado, é sua política revolucionária.

O trotskismo na Bolívia sempre atuou - com êxito ou não - no seio das massas e conseguiu não só transformá-las em conscientes mas também penetrar profundamente na história e na cultura nacionais.

Ninguém deve estranhar que o povo boliviano, quando se radicaliza, levanta de imediato as bandeiras semeadas pelo trotskismo. Por que estranhar que de imediato saltem à tona as Teses de Pulacayo?

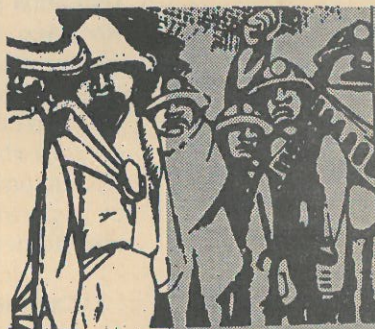
O trotskismo é direção porque está em combate e este fato não é mais que o resultado de sua incansável atividade encaminhada a dirigir os explorados para sua libertação pelo caminho da ação direta, da insurreição.

Sim, o POR está presente na luta e não a abandonará até que os explorados e oprimidos consigam a vitória e imponham o go-

verno operário e camponês.

No cenário se apresenta inconfundível a luta entre burguesia (governo Goni) e proletariado (POR). Por sorte a "esquerda" reformista e revisionista, nacionalista - democratizante e estalinista se deslocaram para a direita e terminaram por se enfiar na trincheira burguesa. Este fato permite ver com clareza o resultado da admirável luta do POR ao largo dos últimos tempos.

(Extraído do Massas, de 27/3 a 2/4)



# Cartas da prisão dos trotskystas

## Carta de Vilma Plata do Cárcer de Mulheres de Obrajes

Carta aberta aos trabalhadores bolivianos

Os mestres que lutam heroicamente nas ruas, unidos aos bairros populares e fazendo uso legítimo do enfrentamento corpo a corpo com as brutais forças repressivas, demonstram a profunda convicção de que já não queremos seguir suportando o atual estado de coisas.

A luta dos mestres é a luta de todos os trabalhadores, porque neles se encarna a política revolucionária do proletariado - que é luta de classe porque nossos interesses são antagônicos e excludentes.

Quando exigimos o direito ao pão, ao trabalho, à educação pública, à saúde, previdência social e nos chocamos com o Estado incapaz de satisfazer estas necessidades básicas e com um governo títere da embaixada norte-americana, disposta a empregar a violência reacionária para calar aos famintos, restamos um só caminho: esmagar nas ruas sua política global de fome e miséria.

Os serviços que estamos em uma larga luta para apenas arrancar do governo algumas migalhas, deixando intacta sua política global, são vulgares colaboracionistas e cooperam como marionetes para derrotar o magistério.

O governo prepara uma brutal arremetida contra os trabalhadores, uma vez que consiga esmagar os professores, por isso que, agora, é necessário se lançar nas ruas e fazer retroceder os bandos fascistas, utilizando-se legitimamente da violência revolucionária e organizando piquetes armados de autodefesa.

As bases devem rebaixar os dirigentes que freiam a luta dos trabalhadores e manter extrema vigilância durante o fim de semana para evitar qualquer negociação às costas dos lutadores.

Aí, definem aqueles que lutam nas ruas e não os que enviam, desde seus escritórios, instruções e que nada fazem para cumprir uma verdadeira greve nacional.

Do lugar que me encontro, saberei estar à altura dos acontecimentos e advirto que não duvidarei em iniciar a greve de fome dura, assim que o momento exigir.

Força, coragem, venceremos!

Vilma Plata

(Extraído do Massas, de 6/4 a 12/4)

## Carta de Gonzalo Soruco, do Cárcere de São Pedro (cela de alta segurança)

À COB, Magistério Pacenho e Opinião Pública

Desde a muralha do cárcer de São Pedro, permito-me destacar a decidida luta do magistério pacenho urbano e rural, que com sua ação nas ruas está marcando profundamente a atual luta social, que confrontam explorados e exploradores da Bolívia contra o anti-pátria movimentismo.

Devemos levar em conta o risco dos oportunistas que sobre nosso movimento se encastelam. A chave da vitória está em não permitir a intromissão de agentes da burguesia. Estes são o Parlamento, a Igreja, os empresários interessados em apagar o incêndio da tormenta social.

Para os explorados da Bolívia e em especial para os mestres, a luta que hoje se trava é decisiva. Nosso inimigo está só, com sua extrema e crescente impopularidade e que só atina emitir torpes ameaças, que provocam mais fúria e indignação em nossas bases, transformando-se em fenômeno que debilita mais e mais o governo, praticamente esgotado.

Seria criminoso que nesta situação em que é necessário golpear com mais força, para alcançar a vitória, aceitássemos a mediação da Igreja, instituição que não pode ser juiz no conflito, porque admitiu reiteradas vezes a lei privatizadora de capitalização e subscreveu convênio com o governo para aplicar a destruidora Reforma Educativa do Banco Mundial.

A que se refere à minha pessoa, afirmo publicamente que prefiro permanecer no cárcere a me libertar em troca de mesquinhos regateios e negociatas entre a COB e Governo. Rechaço a chantagem do oficialismo com o movimento. Nenhuma falsa liberdade de alguém pode desviar os objetivos centrais da luta do povo boliviano, que é a luta do magistério. A derrota das leis malditas e o incremento do salário para trabalhar e viver como pessoas são os imperativos do magistério nas ruas, que não admite nenhum cambalacho barato.

Prof. Gonzalo Soruco

(Extraído do Massas, de 6/4 a 12/4)

Internacional



### A Estratégia Neoliberal e a Resposta Proletária

O histórico da opressão imperialista sobre o país. O conteúdo da estratégia neoliberal. A capitulação do reformismo das correntes de esquerda. A resposta operária. A política revolucionária.

Adquira com o distribuidor deste jornal.

### Contribuição à história do Brasil O desenvolvimento do trotskismo (1ª parte)

A estruturação dos primeiros grupos trotskistas no país (1919-1935). Seu desenvolvimento e sua luta contra o estalinismo. A influência no movimento social brasileiro. As relações com a IV Internacional. Um importante balanço para a construção do programa do Partido Operário Revolucionário no Brasil.



# Rompe-se o silêncio da imprensa burguesa brasileira sobre a Bolívia

Na memorável jornada de luta de março/abril de 1994, em que se espalhou uma greve de fome por todo país, seguida de bloqueios camponeses e greve geral, momento em que Vilma Plata e outros lutadores foram sequestrados para interromperem à força a greve de fome dura, os jornais burgueses permaneceram silenciosos e os das esquerdas quase se omitiram, numa atitude vergonhosa de isolamento do POR boliviano. Agora, a luta alcançou uma altitude que ninguém pode ignorar, principalmente a burguesia brasileira, que se julga estratégica para a estabilidade da América Latina. A esquerda infantil e sectária não sabemos ainda que importância dará.

Mas falemos da imprensa burguesa, que está dando todo destaque desde a decretação do Estado de Sítio. O que mais chama a atenção é o editorial do Estado de São Paulo, um feroz defensor do imperialismo norte-americano. Recomenda ao governo Goni a ter cautela com a repressão porque não se pode dar a impressão

que o neoliberalismo se confunde com totalitarismo.

Como não poderia deixar de ser, concorda que o governo tem de arrumar uma maneira de impor seu plano, mas de forma a não chamar a atenção mundial para uma repressão desenfreada. Tal recomendação, na verdade, de nada serve, pois a implantação do plano pró-imperialista tem de vir acompanhado de medidas totalitárias para demover as massas da luta e pôr medo na acovardada burocracia sindical e reformistas.

A saída para os trabalhadores não pode ser outra senão se lançar às ruas, à greve geral, piquetes e manifestações. Quanto à prisão de Guillermo Lora, do POR boliviano e eminente historiador do movimento operário, foi noticiada pela Folha de São Paulo de 21 de abril, num artigo intitulado "Polícia amplia as buscas por sindicalistas". Diz: "Outra prisão, denunciada pelo POR (Partido Operário Revolucionário), foi a do dirigente trotskista Guillermo Lora".

O Estado de São Paulo, de 22/4, publicou um box com a chamada: "Negada prisão de líder trotskista". Nele, transcreve a declaração do Ministro Berzaín dizendo que Guillermo Lora é o homem mais procurado por todo o país. A preocupação com os trotskistas bolivianos é sintomática. É que os fatos mostram que o POR boliviano está cumprindo seu dever de vanguarda da luta dos explorados, por isso é o inimigo principal da burguesia e do imperialismo.

Nosso dever é defendê-lo com toda determinação. Qualquer omissão ou indiferença é crime contra o proletariado.

Internacional

## Negada prisão de líder trotskista

**L**A PAZ — O governo boliviano desmentiu ontem notícia difundida por uma emissora de rádio de La Paz, segundo a qual o líder trotskista Guillermo Lora, presidente do Partido Operário Revolucionário (POR), teria sido preso. "É uma inverdade, o senhor Lora continua foragido", afirmou o ministro do Governo, Carlos Sánchez Berzaín, acrescentando: "É um dos homens mais procurado hoje em todo o país pela polícia boliviana."

O líder trotskista, segundo o ministro, transformou-se num dos principais "autores intelectuais" do processo de subversão desencadeado atualmente no país.

Embora sem representação no Parlamento boliviano, o POR controla sindicatos poderosos e

extremamente ativos como o dos professores e também exerce grande influência entre as lideranças estudantis nas escolas secundárias e universidades. E, por isso, foi responsabilizado pelos distúrbios que causaram dezenas de feridos nas últimas semanas e levaram o governo a decretar estado de sítio.

Citando denúncia de um dirigente do partido, Telmo Román, a emissora de rádio disse também que a polícia, comandada pessoalmente pelo subsecretário do Interior, Hugo San Martín, invadiu a casa de Lora e destruiu seus arquivos e biblioteca. "Essa é outra inverdade", insistiu o ministro do Governo.

O Partido Operário Revolucionário não teve seu registro aceito nas últimas eleições parlamentares.



# **Abaixo a Reforma de Fome do Governo**

## **Em defesa das reivindicações das massas**

### **Greve geral contra o Plano neoliberal**

#### **Construir a Frente Revolucionária Antiimperialista**

##### **Avança a crise do Plano Real**

**Nacional**



A balança comercial teve novo déficit em março: 935 milhões de dólares. Já há 2 bilhões e 300 milhões de dólares acumulados no primeiro trimestre de 1995. Caso não haja uma reversão rápida dessa tendência, o Brasil pode terminar 1995 com um déficit de 10 a 12 bilhões. A fuga de dólares para o exterior continua. As reservas cambiais já estão em cerca de 26 bilhões de dólares, o que significa que caíram em pelo menos 16 bilhões. Com isso, o governo vai perdendo a capacidade de manter a valorização artificial do real frente ao dólar. A âncora cambial vai se diluindo, e a desvalorização do real vai abrindo caminho para reajustes de preços e a volta da inflação.

A âncora cambial foi criada como um mecanismo provisório, que daria um mínimo de estabilidade econômica para as frações burguesas negociarem as reformas constitucionais no Congresso. Mas as reformas constitucionais estão emperadas pela divisão interburguesa. A FIESP publicou avaliação de que a reforma não conseguirá mexer com as principais questões econômicas. Sem os recursos que saíam da reforma fiscal, privatizações massivas, estrangulamento

da saúde e educação e privatização da previdência, o Estado não terá recursos para continuar pagando as altíssimas taxas de juros sem emitir moeda e desvalorizar o dinheiro. Essa situação ficou ainda mais agravada por causa da vitória da bancada ruralista no Congresso, quando conseguiu a derrubada do veto presidencial à anistia da TR sobre os financiamentos agrícolas. Serão mais de 5 bilhões de dólares que favorecerão os latifundiários e que sairão dos cofres da União.

Sem condições de avançar imediatamente na reforma constitucional, o governo procura ganhar tempo e toma medidas recessivas para conter a pressão inflacionária. Aumentou a alíquota de importação dos automóveis e mais uma centena de itens para 70%. Reduziu a alíquota de alguns produtos alimentícios, foco principal da pressão inflacionária. E tem agido no sentido de limitar o crédito. Com isso, o governo pretende reduzir temporariamente as importações, aumentar a arrecadação e conter o consumo, elevado durante o plano Real pela fuga da classe média da poupança.

O efeito das medidas já se faz sentir: a produção industrial começa a cair, as demissões aumentaram e o consumo refluíu. A recessão é imposta ao país para salvaguardar os investimentos estrangeiros. Ao mesmo tempo, o governo se ocupa de impulsionar a reforma constitucional, que atacará ainda mais as condições de vida das massas.

### **Crise no plano e crise no governo**

O governo de FHC apresentou-se logo após as eleições como um governo estável, com maioria parlamentar e expressando um equilíbrio entre as frações burguesas. O reformismo e as correntes de esquerda avaliavam que seria um governo sólido, baseado num plano econômico projetado para durar 10 anos. Mas a realidade contrariou essas especulações. Em três meses de mandato, o governo mostra-se mergulhado numa crise e paralisado. Sua forma de apresentar a reforma constitucional atacando vários pontos de uma só vez foi um fiasco. As frações burguesas, em maior ou menor grau atingidas pelas medidas, abriram uma disputa que tornou impossível qualquer acordo sólido para votações no Congresso. A reforma da previdência encontrou forte oposição popular e mes-

mo entre as frações burguesas. O governo foi obrigado a recuar. Investe agora numa operação ponto por ponto, começando com a extensão das privatizações e quebra dos monopólios estatais. Nem assim escapa do tiroteio interburguês.

Ao anunciar a regulamentação das TVs a cabo, o ministro Sérgio Motta se chocou com as grandes redes (Globo etc). Seu discurso junto a parlamentares do PMDB, no qual fazia críticas a outros ministros, foi projetado na grande imprensa. O ministro das comunicações não caiu por sua vinculação ao empresariado paulista, com força no governo. O vice-presidente Marco Maciel, em exercício da presidência, negou-se a encaminhar a reforma da Caixa Econômica Federal, que extinguiria 21 superintendências, inclusive a de seu estado (Pernambuco). Os atritos entre a burguesia paulista e a nordestina no PSDB voltaram à tona com o episódio sobre a operação contábil do ex-ministro Ciro Gomes, que adiou o pagamento de 3,6 bilhões de reais para o governo atual.

O governo tenta ganhar força acima dessas disputas. A emenda Sarney, que dá mais poder ao executivo para tomar medidas econômicas, em troca da limitação

do uso de medidas provisórias generalizadas, vem nesse sentido.

## Viagem de submissão

Para dar fôlego ao governo, FHC busca se apoiar também no imperialismo. Sua viagem aos EUA foi marcada pelo aprofundamento da submissão do país ao imperialismo americano. O Brasil pôs em prática tudo o que foi ditado pelos governos americanos nos últimos anos: renegociou e tem pago a dívida externa, acabou com o programa nuclear, esforça-se por aplicar a cartilha do neoliberalismo, com a abertura de mercado, privatizações, cortes nos serviços sociais e aumento de impostos. O único ponto de reclamação de setores da burguesia americana é a lentidão para a aprovação da lei de patentes farmacêuticas, que obriga o país a pagar direitos autorais para a fabricação de remédios. A agenda de FHC nos EUA incluía reuniões

com Clinton, com os dirigentes do FMI, BID e BIRD, e com um dos maiores credores do Brasil, o Citibank. Em todas elas FHC procurou mostrar como o Brasil estava submetido às imposições americanas.

Ao se pôr de quatro para o imperialismo, FHC procurou apoio para um governo prematuramente em crise e que tem pela frente a tarefa de realizar uma reforma constitucional que esmaga as massas e destrói a economia nacional em benefício dos parasitas capitalistas internacionais.

Nacional

## O reformismo petista desvia as massas para a pressão parlamentar, em busca da negociação

O PT pretendia desempenhar um papel de colaborador crítico do governo FHC. Logo após as eleições, Lula disse que a bancada do PT votaria favoravelmente ao governo, caso FHC cumprisse com o programa apresentado na campanha eleitoral. O PT seria uma espécie de fiscal do governo. Mas FHC chamou cada um dos partidos burgueses para negociar a reforma constitucional, e deixou o PT e seus aliados de lado. O PT assumiu uma posição de não bloquear a reforma constitucional, mas de atuar nela para negociar ponto a ponto. A capitulação do PT não teve resposta do governo. Os reformistas foram obrigados a utilizar a pressão de massa para tentar abrir as negociações. Passaram a chamar atos públicos de pressão sobre o Congresso e o governo. A característica desses atos é que eles separam completamente as reivindicações pelas quais as massas estão lutando nas greves e mobilizações de rua da pressão parlamentar voltada à abrir negociação do governo. Para as greves, que têm acontecido por todos os lados do país, o reformismo responde com o corporativismo, a fragmentação e isolamento ou a sabotagem através de acordos em separado. À reforma constitucional, o reformismo responde com a tentativa de reeditar a frente popular com o PDT, PSB etc., que chamaria mobilizações controladas para barganhar as reformas constitucionais.

O problema para o reformismo é que cada luta por salário, emprego, moradia, previdência, educação etc. choca-se frontalmente com o plano econômico e com o governo. Há uma tendência objetiva e uma necessidade de unificação desses movimentos numa luta antiplano e antigovernamental. Uma luta que passaria por cima das instituições democráticas e se projetaria numa luta

antiimperialista e anticapitalista. Mas o reformismo é cúmplice da sustentação da democracia burguesa, fachada da ditadura de classe que garante a continuidade da exploração capitalista. E, no momento, está empenhado em colaborar para conter a crise econômica e política. Pensa também nas eleições do ano que vem, em que poderá se projetar nas prefeituras.

Assim, sua linha é a de procurar apoiar-se nas mobilizações limitadas e numa parcela da burguesia para negociar as reformas constitucionais. Essa política levará à colaboração com a aplicação de um plano antinacional e antipopular goela abaixo das massas. Um exemplo disso pode-se ver na votação do salário mínimo de fome de 100 reais, que era proposta da PT. O governo utilizou-se de uma proposta petista, de descontar mais de quem ganha mais, para aprovar o salário mínimo. 100 reais equivalem à correção monetária da miséria dos 70 reais quando de sua decretação. Ainda por cima se aumentou a alíquota de desconto nos salários para 11% acima de 5 salários mínimos. O governo arrecadará mais dos assalariados, e pagará praticamente a mesma coisa aos aposentados. O resultado da política petista foi facilitar a aprovação do primeiro passo da reforma de fome de FHC e colaborar com a manutenção do mínimo de fome.



**Não aceitemos o salário mínimo de fome!  
Exijamos o salário mínimo real de 800 reais**

# O POR convoca à luta nacional de massa contra a reforma, o plano e o governo

A Tendência pelo Partido Operário Revolucionário (POR) defende a unidade nacional dos oprimidos contra a reforma, o plano e o governo entreguista de FHC. Trata-se de uma reforma que pretende dar uma fachada democrática para o aumento da opressão nacional e social. O resultado dessa política econômica será mais miséria, mais desemprego, fim dos serviços sociais (saúde, educação, previdência etc.), entrega da economia nas mãos das multinacionais e do capital financeiro imperialista. Para resistir a isso, é preciso construir uma frente revolucionária anti-imperialista. É preciso colocar as massas nas ruas, generalizar as greves por todo o país, rumo à greve geral contra o plano Real neoliberal.

Denunciamos a burocracia direitista vendida da Força Sindical, que apóia o plano do governo. São os agentes dos patrões, do governo e do imperialismo no interior das organizações de massa.

Denunciamos o reformismo petista, que dirige a CUT e os sindicatos, e nega-se a generalizar a luta contra o plano, ora dividindo as greves, ora sabotando, como fizeram com os metalúrgicos do ABCD. Apontamos que sua política de frente com setores da burguesia (frente popular) desarmará as massas e facilitará a aplicação da reforma entreguista e de fome de FHC.

Chamamos as organizações de massa, a CUT, os sindicatos, as organizações populares e estudantis, e todas as forças que se reivindicam do movimento operário e popular a organizarem a luta contra o plano e a erguerem a frente antiimperialista.

Nacional



## Organizemos um 1º de maio de Luta

**Rejeitemos o distracionismo festivo dos reformistas petistas e da burocracia sindical**

**Em defesa da vida das massas, preparemos a Greve Geral contra o Plano Real neoliberal e a Reforma Constitucional antinacional e antipopular**

**Construamos a Frente Revolucionária Antiimperialista**

**Lutemos pelo Governo Operário e Camponês**

Defendamos a unidade dos trabalhadores sobre os seguintes pontos:

- 1 - **salário mínimo real de 800 reais**
- 2 - **reposição de todas as perdas salariais**
- 3 - **escala móvel de reajuste dos salários**
- 4 - **redução da jornada de trabalho para 6 horas, sem redução dos salários**
- 5 - **educação, saúde e moradia para todos**
- 6 - **fim dos latifúndios, entrega das terras aos camponeses pobres e aos sem-teto**
- 7 - **fim das privatizações e reestatização sob controle operário**
- 8 - **não pagamento da dívida externa**
- 9 - **expropriação dos grandes grupos monopolistas e latifundiários**
- 10- **por um governo operário e camponês (ditadura do proletariado)**